

IGREJA
LUSITANA
CATÓLICA
APOSTÓLICA
EVANGÉLICA

O novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

ABRIL 2014

€1.25

Nº 162

SAGRAÇÃO

E INSTALAÇÃO DO BISPO DIOCESANO

RECONHECIMENTO MÚTUO DO BAPTISMO

CONVOCADO O

95º SÍNODO DIOCESANO

DA IGREJA LUSITANA

NOVO VIGÁRIO - GERAL E NOVOS PÁROCOS NA DIOCESE

ELEIÇÕES EUROPEIAS 2014 - A EUROPA DIZ-LHE RESPEITO

Editorial

Edição do Novo Despertar – um número que se impunha.

O 94ª Sínodo da Igreja Lusitana realizado de 1 a 3 de Novembro de 2012 cometeu à Comissão Permanente «o encargo de encontrar um novo Diretor para o Novo Despertar». De então para cá e fruto fundamentalmente do período de transição episcopal verificado na Igreja não foi ainda definido um novo diretor. Impunha-se no entanto a edição de um nº que assinala-se a sagração e instalação do novo Bispo Diocesano e desse conta do atual caminhar da Igreja aos seus diferentes níveis. É deste modo que se apresenta a atual edição do Novo Despertar cujo diretor interino é o Bispo diocesano.

Aguarda-se que no próximo Sínodo seja eleito um novo Diretor.

O Diretor Interino

Convocado o 95º Sínodo Diocesano da Igreja Lusitana

«Do Batismo à Missão da Igreja»

O Bispo D. Jorge Pina Cabral, convocou o Sínodo da Igreja Lusitana para os dias 25 e 26 de Abril de 2014 a ter lugar na Catedral de S. Paulo em Lisboa. O tema proposto e aprovado pela Comissão Permanente é «Do Batismo à Missão da Igreja» e sustenta-se na passagem de S. Paulo aos Romanos: «Considerem-se também como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em união com Cristo Jesus» (Rom. 6, 11). O Sínodo é a assembleia dos representantes da Diocese que se reúne para estudar os problemas do Apostolado e tomar as decisões oportunas para a realização do Evangelho. Estarão presentes cerca de 50 participantes nacionais e estrangeiros.

O tema do Sínodo decorre da celebração de reconhecimento mútuo do Baptismo ocorrida a 25 de janeiro passado e do texto aprovado pelas igrejas que remete para a necessidade sentida de aprofundar o sentido da Missão da Igreja à luz da identidade baptismal recebida pela graça de Deus. O tema será apresentado pelo Bispo Diocesano, aprofundado pelas reflexões sinodais e continuado depois ao nível das paróquias e Arciprestados da Igreja. Apela-se a toda a Diocese que ore pelo bom desenrolar da reunião magna da Igreja.

Oração pelo 95º Sínodo Diocesano

*Senhor Deus, deste o Espírito Santo à tua Igreja
para que Ele nos guie em toda a verdade;
abençoa com a tua graça os membros do Sínodo
guarda-os firmes na fé e unidos no amor
para que promovam a tua glória
e a paz e a unidade da tua Igreja.
Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Ámen.*

Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director Interino** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves
Equipa Redactorial - D. Jorge Pina Cabral e Rev. Sérgio Pinho Alves **Colaboradores neste número:** D. Fernando Soares e António Manuel Silva
Redacção: Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 1000 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Greca. O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



Do Batismo à Missão da Igreja

D. Jorge Pina Cabral



A celebração de reconhecimento mútuo do Batismo ocorrida a 25 de Janeiro na catedral Lusitana de S. Paulo ficará como um marco na história do Ecumenismo em Portugal. Foi o culminar de um processo de diálogo e de entendimento mútuo entre as Igrejas mas também estamos certos o iniciar de uma nova fase de relacionamento ecuménico. Para além das suas óbvias implicações ecuménicas a assinatura conjunta de um texto sobre o Batismo remete as Igrejas e os cristãos para o aprofundamento do sentido da Missão da Igreja à luz da sua identidade batismal de filhos e filhas de Deus.

No próprio texto da declaração conjunta as Igrejas afirmam «ensinar que o Espírito Santo que desceu sobre Jesus no seu Batismo desce também hoje sobre a Igreja, tornando-a comunidade do Espírito Santo que, em testemunho, serviço e comunhão, proclama o seu reino». Afirmam ainda «aceitar o batismo como processo de consagração para a edificação do Corpo de Cristo» e «esperar que este reconhecimento constitua um passo em frente no caminho da unidade visível do único Corpo de Cristo para que o mundo creia». Ou seja, embora necessariamente sucinto o texto do documento aponta caminhos de Missão conjunta que deverão ser percorridos e alcançados na «unidade comum em Cristo» que o Batismo confere e sustentados na ação do Espírito Santo recebido no Batismo. A intrínseca relação entre o Batismo («dádiva gratuita de Deus») e a Missão da Igreja («para que o mundo creia») perpassa o documento e oferece-se agora às Igrejas como um processo de renovado compromisso cristão.

Assumindo o tema proposto («do Batismo à Missão da Igreja» sustentado em Rom. 6,11) o 95º Sínodo da Igreja Lusitana a ter lugar a 25 e 26 de Abril, poderá por um lado continuar a celebrar e a aprofundar o que em Janeiro passado foi publica-

mente reconhecido e por outro projetar desde já o caminho de Missão que a Igreja, corpo de Cristo, é agora chamada a desenvolver. Pensar e assumir pois a Missão da Igreja, será também pensá-la e assumi-la com os outros nossos irmãos em Cristo pertencentes a outras Igrejas. Os dons recebidos no Batismo são para serem partilhados e vividos em conjunto num mesmo espírito de serviço e de testemunho. A consciência da Missão conjunta será tanto maior quanto maior for a consciência do Batismo que nos une em Cristo.

O caminho Quaresmal, que na tradição da Igreja Una, temos vindo a percorrer, estou certo que tem proporcionado através da sua riqueza catequética, simbólica e vivencial um aprofundamento da nossa identidade batismal em Cristo e do nosso sentido de Missão. Com efeito, acompanhando Jesus desde o seu Batismo no Jordão, passando pelo deserto e pela Transfiguração e agora até à Cruz do calvário, refazemos com Ele o seu programa batismal que também é o nosso. Deste modo com Cristo e em Cristo, preparamo-nos para a Ressurreição do Senhor, Batismo consumado e sentido da Missão da Igreja.

Tem pois um profundo sentido o facto da Igreja se ir reunir em Sínodo em pleno tempo Pascal. O mesmo Espírito que nos fez partícipes do Corpo de Cristo, é o mesmo Espírito Santo que nos convoca em Sínodo e nos envia em Missão à luz do mandato dado por Cristo ressuscitado aos seus discípulos: «vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos. Batizem-nos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo quanto eu tenho mandado. E saibam que estarei convosco até ao fim dos tempos». (Mat. 28,19).

Uma santa Páscoa para todos !

+ Jorge

«Considerem-se também como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em união com Cristo Jesus» (Rom. 6, 11)



Nomeado novo Vigário Geral da Igreja

Ouvida a Comissão Permanente na sua reunião de 26 de Outubro passado, o Bispo Diocesano nomeou Vigário Geral da Igreja Lusitana o presbítero Carlos Augusto Azevedo Duarte. O novo Vigário Geral é atualmente pároco das paróquias de Cristo em Vila Nova de Gaia e do Redentor no Porto. Exerce a profissão secular de Revisor Oficial de Contas sendo presidente do Conselho Fiscal da Igreja Lusitana e membro do Conselho Fiscal do COPIC. Filho de uma família com longa tradição na Igreja o Reverendo Carlos Duarte é casado com a Dr.^a Brígida Arbiol, Presidente do Departamento de Mulheres e pai da Dr.^a Sara Duarte e do Eng.^o Tiago Duarte. Cabe-lhe agora substituir o Bispo Diocesano durante a sua ausência ou impedimento e representá-lo nas atividades que este lhe confiar. Ao novo Vigário Geral o Novo Despertar deseja as maiores bênçãos de Deus no exercício desta nova função eclesial.

O Reverendo Horácio Reis foi um filho da Paróquia de S. Paulo na qual foi baptizado a 13 de Fevereiro de 1949. Recebeu em Julho de 1980 as ordens de Diácono que o levaram a exercer durante 17 anos um profundo ministério de serviço que se destacou pela solicitude e acompanhamento pastoral aos doentes e idosos. Tendo sido ordenado de presbítero na catedral de S. Paulo, a 1 de Novembro de 1997, pelo então Bispo Diocesano D. Fernando da Luz Soares, soube estar sempre ao serviço da Igreja oficiando por diversas vezes nas restantes paróquias e comunidades do Arciprestado do Sul. Na sua qualidade de procurador da firma Pulvertaft & C^a foi um dos responsáveis pelo património da Igreja Lusitana e em particular do complexo do Convento dos Marianos pelo qual sentia um especial afecto e cuidado. Durante muitos anos colaborou com o agrupamento de escuteiro nº 83 sedado no complexo dos Marianos o que o ajudou também a interiorizar e a por em prática na sua vida o lema escutista de «sempre pronto». A sua figura alta e elegante, o seu sorriso bondoso e a sua personalidade calma e carinhosa ficarão para sempre na memória de todos os que com ele privaram e militaram na fé em Jesus Cristo.

À sua esposa e restantes familiares, o Novo Despertar expressa sentidas condolências na esperança certa da ressurreição em nosso Senhor Jesus Cristo.



Partiu para Deus o Reverendo Horácio Reis

«O Deus de sempre é o teu refúgio; os seus braços eternos te sustentam»
(Dt. 33,27)

No passado dia 8 de Janeiro partiu para Deus com 86 anos de vida o Presbítero da Igreja Lusitana Horácio Nunes dos Reis. O serviço de funeral realizado no dia 10 de Janeiro na Paróquia de S. Paulo foi presidido pelo Bispo Diocesano e teve a presença de diversos membros do clero da Igreja Lusitana. A homilia foi proferida pelo Bispo Emérito D. Fernando que tendo privado de um modo particular com o Reverendo Horácio soube sublinhar os traços principais que marcaram o seu ministério de grande serviço e de testemunho à Igreja. A celebração marcada por um ambiente de natural recolhimento e tristeza transmitiu uma serena confiança e sentido de esperança a todos os presentes entre os quais muitos familiares, amigos e membros das diversas paróquias da Igreja Lusitana. O serviço de funeral foi concluído no cemitério dos Olivais pelo pároco de S. Paulo, Reverendo Diamantino Lemos.



Reverenda Ilma Oliveira Rios colabora com a Igreja Lusitana

Desde o passado mês de Junho de 2013 que a Reverenda Ilma Rios se encontra a colaborar com a Igreja Lusitana concretamente na Paróquia de S. Paulo em Lisboa. A Diácona Ilma, de origem Brasileira, foi ordenada na diocese do Recife da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil tendo aí desenvolvido trabalho pastoral quer ao nível da liturgia quer também na dinamização de grupos de oração. Casada com um português veio morar para o nosso país tendo estabelecido o natural contacto com a Igreja Lusitana. Conforme decisão da Comissão Executiva e depois de ouvido o Bispo D. Sebastião Gameleira da Diocese do Recife, a Reverenda Ilma continuará durante um período ligada ao clero desta Diocese servindo a Igreja Lusitana no apoio ao trabalho da catedral. À nova Diácona e ao seu marido António, o Novo Despertar dá as boas vindas e deseja as maiores bênçãos de Deus para o seu ministério.

Paróquia da Sagrada Família tem novo Pároco

Dada a resignação por motivos de saúde, do Reverendo Cónego César Félix, e depois de ouvida a Comissão Permanente na sua reunião de 22 de Março, o Bispo Diocesano nomeou o Reverendo Fernando Almeida Santos como novo pároco da Sagrada Família e presidente da respetiva Junta Paroquial. A colação do novo pároco teve lugar a 6 de Abril no decorrer da celebração Eucarística do 5º Domingo da Quaresma que foi presenciada por uma numerosa assembleia. A celebração foi presidida pelo bispo Diocesano que tendo como referência o Evangelho do dia, alusivo à ressurreição de Lázaro, exortou toda a comunidade a confiar no poder de Jesus Cristo capaz de se compadecer com o nosso sofrimento e tristeza e Senhor que gera a vida onde vemos a morte. A paróquia da Sagrada Família possui a Missão da Santíssima Trindade e o Centro Social da Sagrada Família no qual se realiza diariamente um valioso trabalho de apoio à comunidade. Cabe agora ao novo pároco coordenar todo o trabalho paroquial e de Missão em coordenação com a junta paroquial e restante comunidade.



Paróquia do Redentor em festa com colação do novo Pároco

No contexto da celebração da eucaristia dominical do II Domingo do Advento, realizada a 8 de Dezembro, procedeu-se na Paróquia Lusitana do Redentor no Porto, à colação do novo Pároco e à instalação da coadjutora da Paróquia.

A cerimónia foi presidida pelo Bispo Diocesano D. Jorge Pina Cabral e teve a participação de muitos membros e amigos da Paróquia do Redentor. O novo pároco é o Presbítero Carlos Augusto Azevedo Duarte e a coadjutora da paróquia é a Diácona Isabel Almeida e Silva. O pároco que passará a presidir à respetiva Junta Paroquial é o Vigário Geral da Igreja Lusitana e é também pároco da Paróquia Lusitana de Cristo em Vila Nova de Gaia.

Na homilia proferida o Bispo D. Jorge exortou os presentes a olharem a vida e as suas oportunidades com um olhar sustentado na confiança e na esperança que proveem de Jesus Cristo. No seguimento da homilia procedeu-se ao rito da colação do novo pároco que depois de acolher a carta de colação entregue pelo Bispo Diocesano recebeu as chaves da Igreja das mãos dos representantes paroquiais. Sustentados no exemplo do novo pároco e da nova coadjutora da paróquia todos os fiéis presentes comprometeram-se.

Aqui fica pela sua beleza e sentido de Missão a oração então proferida e que servirá de orientação para o caminhar futuro da Igreja: «Senhor, nosso Deus: reconhecemos e confessamos que não somos de nós mesmos, mas d'Aquele que por nós morreu e ressuscitou : ensina a dar sem nos importar com o que nos custa; a combater sem fazer caso das feridas; a trabalhar sem procurar descanso; a esforçar-se com certeza de que estamos no caminho da Tua vontade.



Reuniu a Comissão Permanente do Sínodo Diocesano

A 22 de Março estiveram reunidos no Centro Diocesano em Vila Nova de Gaia os membros da Comissão Permanente da Igreja Lusitana. Como principais decisões tomadas destacam-se:

- aprovação das contas da Igreja referentes ao ano de 2013;
- nomeação do novo pároco para a paróquia da Sagrada Família;
- elaboração da agenda e programa e definição do tema do 95º Sínodo Diocesano;
- relançamento da campanha Diocesana «Obriga do Senhor» através da entrega de mealheiros;
- convite a jovens da Igreja Espanhola Reformada Episcopal para participarem no Campo de Férias de Verão.



Centenário da Paróquia de Cristo

A Paróquia Lusitana de Cristo, em Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, assinalou o 100º aniversário da sua constituição, com um conjunto de iniciativas que ligam a riqueza da história aos novos desafios de Missão de uma Paróquia viva, que Louva a Deus, Testemunha a Cristo e Serve os Homens.

No Sábado, 30 de Novembro de 2013, realizou-se uma Sessão evocativa, pelas 15h00, no Templo Paroquial, que estava cheio, contando-se mais de setenta pessoas, entre as quais, o Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, o Pároco da Igreja Católica Romana e alguns dos antigos alunos e uma Professora do Colégio Lusitano, uma obra educativa, entretanto extinta, dinamizada em Oliveira do Douro, pelo Reverendo Bonaparte uma figura de relevo na área de Oliveira do Douro.

O Pároco, Presbítero Carlos Duarte, na palavra de abertura, começou por dar Graças a Deus, pelo significado do Centenário da Paróquia de Oliveira do Douro. O seu rosto refletia a alegria da satisfação na medida em que tudo estava devidamente organizado com um espírito de Missão e Testemunho. O Bispo Diocesano, D. Jorge, felicitou o Pároco e a Junta Paroquial pelo trabalho desenvolvido reforçando a marca da Missão que a vivência do centenário pode despertar na Comunidade no trilhar de caminhos futuros.

Seguiu-se uma apresentação, na qual participaram os Historiadores, Doutor José Afonso e Mestre António Manuel Silva. O Bispo Emérito D. Fernando, também apresentou uma reflexão bíblica e teológica sobre o Testemunho Cristão nos seus desafios e consequências.

No salão existente no piso superior, foi inaugurada uma exposição com diversos objetos de natureza litúrgica e documental, que apresentam a história da Paróquia e do Colégio Lusitano a ela ligado.

Também foi editado um livro com a resenha histórica da Paróquia, que apresenta um excelente grafismo e teor informativo. Está em distribuição na Paróquia ou Centro Diocesano da Igreja Lusitana. A ambiência de confraternização continuou com lanche em que se cantou os parabéns à Paróquia.

No Domingo, dia 1 de Dezembro, pelas 10h00, a Eucaristia Dominical foi presidida pelo Bispo Diocesano, D. Jorge, coadjuvado pelo Pároco Revº Carlos Duarte, durante a qual foram dadas Graças a Deus pelo Centenário da Paróquia e também pelos 12 anos de pastoreio do Pároco Reverendo Carlos Duarte que se celebravam nesse dia.



Campo de Férias 2013

Tema geral: «Já falaste alguma vez com Deus?»

Na sua XXIV edição, o Campo de Férias de Verão da Igreja Lusitana destinado a crianças e jovens teve lugar de 28 de Julho a 4 de Agosto, no Centro de Férias Quinta da Fonte Quente, situado na Tocha, Cantanhede (nas instalações do antigo Hospital Rovisco Pais), num espaço que conjuga as necessárias condições legais para a realização do Campo de Férias bem como bons equipamentos para as atividades juvenis: piscina, campo de jogos e aventura, circuitos pedestres, entre outros.

O grupo contou com 50 pessoas, 39 participantes e 11 monitores. Damos particular realce ao fato deste ano terem participado pela primeira vez 13 crianças e jovens, circunstância muito positiva que revela a procura desta atividade bem como a capacidade de integração e inclusividade que a organização soube acolher.

O programa do Campo foi diversificado contando com atividades bíblicas, lúdico/pedagógicas, desporto, convívio na Fogueira, entre outras, mas o ponto maior foi sem dúvida o encontro pessoal que cada um(a) fez com a pessoa viva e interpeladora de Jesus Cristo. Esta é a Missão do Campo de Férias.



Dia da Família – Celebração Eucarística



DMIL tem nova liderança

Dr^a Brígida Arbiol é a nova Presidente do DMIL

O DMIL - Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana, realizou, no Sábado, dia 6 de Abril de 2013, uma Assembleia Geral, que teve lugar na Paróquia de S. Tomé, em Castanheira do Ribatejo.

Participaram mais de 40 mulheres vindas de praticamente todas as Paróquias da Diocese, facto revelador da vitalidade do Departamento e do empenho no serviço à Igreja por parte das mulheres da Igreja Lusitana.

Esta Assembleia foi de eleições para os órgãos diretivos do Departamento e pela Graça de Deus, a nova equipa conta com as seguintes Irmãs:

Brígida Arbiol - Presidente da Direção Nacional
Rute Teixeira - Secretária da Direção Nacional
Cristina Carneiro - Tesoureira da Direção Nacional
Rita Reis - Vogal - (Arciprestado do Sul)
Matilde Fernandes - Vogal - (Arciprestado do Norte)
Helena Pina Cabral - Presidente de Mesa da Assembleia Geral
Presbítera Elisabeth Sena - 1^a Secretária
Aurora Melo - 2^a Secretária

As Mulheres expressaram um agradecimento muito especial à Diácona Isabel Silva, Presidente do DMIL, desde a sua fundação.



Campo de Férias DMIL

«Só quem nascer da água e do espírito é que pode entrar no reino de Deus» (Evangelho de S. João 3,5)

As instalações hoteleiras da Fundação Inatel na Foz do Arelho, foi mais uma vez o local escolhido pela Direção do DMIL para a realização do XIX Campo de Férias, por apresentar as condições mais adequadas a pessoas com reduzida mobilidade, na medida em que o acesso aos quartos, à sala de convívio e ao restaurante pôde ser feito através de elevador. A visão deslumbrante de um magnífico areal situado na confluência da Lagoa de Óbidos com o Oceano e as margens revestidas de cenário verdejante, apresentam fortes motivos para louvar

e agradecer a Deus pela Sua criação e naturalmente para se viver uma semana em plena união e espírito fraterno.

Em 2013, de 8 a 14 de Setembro reuniram-se nestas férias vocacionadas para os seniores da Igreja Lusitana, 22 participantes dos dois Arciprestados. O grupo participou nos serões musicais que constavam da animação própria da Inatel, fez campeonatos de jogos de mesa e manteve o tradicional jogo dos amigos secretos. Aproveitando a temática do Ano Internacional da Cooperação pela Água (Unesco) e sustentado no versículo bíblico «Só quem nascer da água e do espírito é que pode entrar no Reino de Deus» (S. João 3,5) o grupo reunido realizou momentos devocionais diários. O tema do Campo de Férias foi também aprofundado por uma exposição do sr Bispo Diocesano Jorge Pina Cabral que teve a oportunidade juntamente com a sua esposa Rute Serronha de passar um dia em convívio com todos os presentes.

O Campo de Férias tem sido ao longo destes dezanove anos, uma das atividades em que a Direção do DMIL mais se tem empenhado, por reconhecer a necessidade de acompanhamento às pessoas que já não se deslocam sozinhas para férias, seja devido à idade ou à sua condição física. A título de curiosidade, em 2013 a média de idade dos participantes foi de 77 anos. A Direção do DMIL dá muitas graças a Deus pelo bom êxito do XIX Campo de Férias, por ser possível mais um vez cumprir uma missão de serviço ao próximo e poder afirmar-se que, tal como o lema que move as mulheres da Igreja que «Estamos ajudar a construir um mundo melhor».



DMIL presente em Madrid em encontro de mulheres

Pela primeira vez e a convite do Bispo D. Carlos Lopez Losano da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, o Departamento de Mulheres fez-se representar no encontro nacional das mulheres espanholas realizado em Setembro passado em Madrid. Com o tema «Mulheres em ação» o encontro foi animado por diversos workshops e palestras que incentivaram as mulheres presentes a refletirem sobre a sua vida de fé nas comunidades a que pertencem. Matilde Fernandes membro da Direção do DMIL representou as mulheres Lusitanas e estabeleceu novos contactos a serem desenvolvidos no futuro entre as mulheres das duas Igrejas irmãs.

Missão e missões

Não confundamos! Existe uma – a maior – Missão que é o anúncio de Jesus Cristo, como Senhor e Salvador, e existem as missões, isto é, os modos de fazer, as estratégias individuais e comunitárias a desenvolver para cumprir a primeira. Vejamos.

“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo o que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” (S. João 3,16-17). Ou seja, Jesus Cristo – o Filho de Deus – é o bem mais precioso da vida de quem verdadeiramente O encontra, pois, torna-a eterna. Foi assim com a mulher samaritana (S. João 4,1-45) ao descobrir em Jesus “um homem que me disse tudo quanto tenho feito” (4,29) e ao testemunhá-lo perante o seu povo. Da mesma forma, com a mulher da parábola da dracma perdida (S. Luc 15,8-10) que, ao achá-la, se alegra e proclama o facto às vizinhas. Na verdade, o “encontro” com o Senhor e Salvador Jesus Cristo transforma o(a) crente num “instrumento” de que o mesmo Senhor Jesus se serve para comunicar-Se a Si próprio como expressão viva do amor e salvação divinos. Ele mesmo afirma “vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (S. Jo 10,10). Ora, é esta condição de encontrado(a) com Jesus que leva à grande Missão: anunciá-lo para que outros acedam à alegria e ao entusiasmo dum amor transformador.

Porém, importa ter em conta dois aspetos.

Um, a iniciativa da Missão é de Deus, não nossa. A nós compete-nos viver o “encontro” permanente com Cristo, testemunhar a alegria e o entusiasmo que nos preenchem e, por isso, proclamar as boas novas do Reino de Deus. Dessa forma, somos chamados a servir a Missão de Deus. Como explicitou a Conferência de Lambeth “A Missão vem de Deus. A Missão é o modo de Deus amar e salvar o mundo... Assim, a Missão nunca é nossa invenção ou escolha.” (Lambeth Conference 1998, Section II, p. 121).

O segundo, a eficácia da Missão está dependente da profundidade da nossa fé. A semente da parábola (S. Luc 8,5-15) é a Palavra de Deus que cai abundante e indiscriminadamente nos nossos corações para ser “deglutida”, refletida e praticada e, daí, produzir fruto. Mas, a nossa falta de compreensão e de paciência a respeito dos designios divinos, a nossa dificuldade em conviver com as adversidades num contexto de fé, que desperdiça o entusiasmo inicial e leva ao esmorecimento, e, ainda, a inexorável corrosão da vida e do tempo decorrente dos nossos excessos consumistas e do desejo desmedido de ter, molda-nos o carácter e arrefece o ardor. Ora, tudo isto contribui para o embaciamento da nossa visão da fé como fator transformador na nossa vida. Quando tal acontece, a Missão – o anúncio de Jesus Cristo como Senhor e Salvador – desvanece-se e escapa-se do nosso quotidiano. Precisamos, então, de estar muito

atentos ao “nível” da nossa fé, ao “valor” da nossa convicção sobre a importância do Deus de Jesus Cristo no nosso viver.

Passemos, agora, às missões, às estratégias individuais e comunitárias para cumprir a Missão.

A Missão apela à capacidade de ser “anunciador(a)”, que pode materializar-se na relação individual, “de pessoa a pessoa”, em diálogo de partilha, de amizade e no respeito das diferenças de cada um. Isso requer preparação, centrada na oração e na leitura e meditação da Palavra, e um particular olhar para quem nos rodeia. Conhecer os outros, usar de misericórdia e compreensão com eles e, na medida das nossas possibilidades, ir ao encontro das suas necessidades espirituais e materiais em nome de Cristo, é sempre um instrumento que pode abrir um coração distraído ou fechado à alegria do “encontro” com Jesus.

Mas, além dessa tão importante atitude individual, o Senhor desafia-nos a ser um povo de missão, ou seja, a desenvolver a Missão na vivência comunitária da fé, em Igreja (S. Mat 25,31-46). Na verdade, qualquer dimensão da vida da Igreja deve ser formatada e direcionada pela nossa identidade cristã como sinal, antecipação e instrumento do Reino de Deus em Cristo. A este respeito importa que valorizemos a celebração do culto com a plena convicção de que o louvor litúrgico da comunidade de fé, domingo a domingo, é instrumento central para a nossa vida comunitária como Missão. Quando o Apóstolo Paulo escreve em Romanos 12,1 “Irmãos, peço-vos pelo amor de Deus, que se ofereçam a Ele como ofertas vivas, santas e agradáveis.”, quer dizer, dai-vos na totalidade do vosso ser em louvor a Deus porque tal significa que nessa oferta está um sinal da santidade, da esperança e do sentido das nossas vidas. Por outro lado, sabemos que cada vez que celebramos a eucaristia proclamamos a morte do Cristo até que Ele venha (I Cor 11,26). Isto é, a nossa vida litúrgica é uma dimensão vital da Missão a que somos chamados, porque o culto a Deus é em si mesmo um testemunho para o mundo.

Nesse sentido, a Comunhão Anglicana, numa declaração há muito firmada, definiu o que chamou “as cinco marcas da Missão”:

1. Proclamar as boas novas do reino de Deus
2. Ensinar, batizar e fortificar os novos crentes
3. Responder às necessidades humanas com amor
4. Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda a espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
5. Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Outros modelos, estratégias e práticas se lhe podem juntar. Mas o que realmente importa é que tenhamos sempre presente que a Missão é o fundamento do que somos, fazemos e dizemos como povo de Deus.

SAGRAÇÃO E INSTALAÇÃO DO BISPO DIOCESANO



“

...SEJAM SANTOS,
PORQUE EU SOU SANTO

(1ª Pedro, 1:15)

”



D. JORGE DE PINA CABRAL, NOVO BISPO DIOCESANO DA IGREJA LUSITANA

A tarde do dia 25 de Abril de 2013, Festa do Evangelista S. Marcos, foi a data escolhida para a Catedral de São Paulo, em Lisboa, acolher a cerimónia de sagração episcopal de D. Jorge de Pina Cabral, quarto bispo diocesano da Igreja Lusitana. Pela importância histórica deste momento para a Igreja Lusitana aqui se registam os traços essenciais do evento.

Foi perante o templo repleto da Catedral Lusitana e em ambiente simultaneamente festivo e solene que o bispo D. Fernando Soares, no seu último dia como diocesano da Igreja, dirigiu palavras de acolhimento a todos os presentes e apresentou os bispos co-sagrantes. Com efeito, reunidos para o efeito encontravam-se nada menos de dez bispos, vindos de diversos países.

O Arcebispo de Cantuária, Metropolita da Igreja Lusitana, encontrava-se representado pelo Arcebispo de Dublin e Diocesano de Glendalough, Primaz da Irlanda e Metropolita, Dr. Michael Jackson. Saudando o bispo Jackson, e através dele o Metropolita, o Arcebispo Justin Welby – aliás entronizado em Cantuária menos de um mês antes – D. Fernando Soares aproveitou para evocar a importância de muitos bispos irlandeses na vida da Igreja Lusitana, desde Lord Plunket que em finais do séc. XIX formou com outros bispos irlandeses o primeiro Conselho de Bispos para a Igreja Lusitana,

passando pelos Bispos John Harden (reitor do primeiro curso teológico da Igreja Lusitana, nos começos do séc. XX), John Gregg, James McCann (que tomou parte na Sagração de D. António Fianador) e John Duggan, que participou na sagração de D. Fernando em 1980.

Os restantes bispos presentes na cerimónia eram Maurício Andrade, Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; Clovis Rodrigues, Bispo Emérito da mesma Igreja; Martin Wharton, bispo de Newcastle, e co-presidente anglicano da Comunhão de Porvoo; Geoffrey Rowell e David Hamid, respetivamente Bispo Diocesano e Bispo Sufragâneo da Diocese de Gibraltar na Europa; Pierre Whalon, Bispo da Convocação das Igrejas Americanas na Europa; Carlos Lopez Lozano, Bispo da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, John McDowell, Bispo Diocesano de Clogher, Igreja da Irlanda e John Okoro, Bispo da Igreja Velho-Católica da Áustria, em representação do Arcebispo de Utreque. O cabido da catedral encontrava-se representado pelo Cônegos, Carlo Aluigi, César Félix e James Rosenthal. O clero da Igreja Lusitana provindo das diversas paróquias estava todo presente bem como os leitores leigos.

Estavam ainda presentes representantes de diversas igrejas e outras organizações, como o Cônego Nuno Isidro, representante do Patriarcado



Católico de Lisboa, os Padres Arlindo Magalhães, Domingos de Oliveira e António Barbosa da Diocese Católica Romana do Porto, os Reverendos Peter Ford e Nigel Stimpson (respetivamente da Igreja Inglesa de S. James, no Porto e de S. George em Lisboa), o bispo Sifredo Teixeira e o Pastor José Manuel Cerqueira (Igreja Evangélica Metodista Portuguesa), o Pastor José Salvador (Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal), o Diácono Pedro Eisele (Igreja Evangélica Alemã do Porto) e o Dr. Timóteo Cavaco, Secretário-geral da Sociedade Bíblica de Portugal, entre outros ministros.

A liturgia, animada musicalmente pelo Coral do Arciprestado do Norte da Igreja Lusitana e pelo Coral Públia Hortênsia (Lisboa), continuou de seguida, com a Oração do Dia e as leituras do dia, encarregando-se da homilia o bispo D. Maurício Andrade, Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Feita a apresentação a D. Fernando do bispo-eleito, foi lida pelo Dr. Michael Jackson a carta de ratificação e confirmação da eleição por parte do Arcebispo de Cantuária (formalidade requerida pelo facto da Igreja Lusitana ser um diocese extra-provincial de Comunhão Anglicana, tendo o Arcebispo de Cantuária como autoridade metropolitana), após o que D. Fernando, referindo-se a Jorge Pina Cabral, interpelou diretamente a assistência: - É de vossa vontade que ele seja sagrado?... Apoiá-lo-eis no seu ministério?

Obtida a aprovação pública do povo da Igreja, o novo bispo leu a declaração de obediência canónica, após o que D. Fernando recordou os deveres e funções de um bispo, seguindo-se o “exame canónico”, no qual o candidato reafirmou as suas convicções e consciência do chamado de Deus.

Na litania, ajoelhados lado a lado, D. Fernando e Jorge Pina Cabral oraram pela Igreja e pelo novo bispo. Entrou-se depois no momento da sagração. Um a um, os dez bispos sagrantes aproximaram-se de Jorge Pina Cabral, entretanto revestido com as vestes episcopais, e fizeram a transmissão do ministério que pela mesma via lhes havia sido conferido: - Recebe o Espírito Santo, ouviu-se então, com unção e solenidade em diversas línguas.

Depois, D. Jorge recebeu do bispo sagrante a Bíblia e os restantes símbolos episcopais: a cruz peitoral (simbolizando a pertença a Cristo e a união com a Igreja), o anel (sinal de fidelidade à Igreja) e a mitra (símbolo de santidade e plenitude do sacerdócio), após o que D. Fernando proclamou na sua voz segura e potente: - Irmãos, o povo de Deus tem um novo bispo!

Um poderoso aplauso ecoou longamente pela catedral, vendo-se a alegria estampada nos rostos e emoção em muitos olhos, prosseguindo a cerimónia enquanto se cantava “Vem reinar em mim, Senhor”. Após a liturgia eucarística, procedeu-se à instalação do novo Bispo. D. Fernando conduziu-o à cátedra episcopal, entregou-lhe o báculo (símbolo de autoridade pastoral) e proclamou D. Jorge Pina Cabral como bispo da Igreja e diocesano da Igreja Lusitana.

Houve ainda ocasião para que o bispo Michael Jackson lesse uma carta de felicitações ao novo bispo da parte do Arcebispo de Cantuária. Após despedir a congregação com a sua primeira bênção como bispo, D. Jorge, recordando o significado do dia 25 de Abril como aniversário da “revolução dos cravos”, apelou a que todos levassem consigo um particular compromisso e responsabilidade:

Ao sermos enviados para o mundo, que possamos ter a preocupação daqueles que andam caídos; que possamos ir ao encontro daqueles que as circunstâncias atuais fazem com que chorem, com que sofram e que se lamentem como quem não tem esperança. Que possamos sair daqui hoje guiados pelo Espírito Santo para testemunharmos a Cristo, particularmente neste dia que diz tanto à nossa nação e ao nosso povo. *“Aquilo que queremos que seja o testemunho de uma Igreja comprometida com o mundo e com a sociedade e que por isso está atenta aqueles que sofrem e que necessitam da graça de Deus.”*

Está disponível DVD com Vídeo da Cerimónia da Sagração Episcopal.
Favor contactar o Centro Diocesano, para o telefone:
223754018 ou email: centrodiocesano@igreja-lusitana.org



«...SEJAM SANTOS, PORQUE EU SOU SANTO» (1ª Pedro, 1:15)

Foi o lema escolhido por D. Jorge Pina Cabral.

Em entrevista dada na ocasião ao programa televisivo A Fé dos Homens, o novo bispo deixou algumas linhas do seu pensamento, atitude e visão, de que se reproduzem alguns excertos.

– A partir da sua experiência, como se prepara um presbítero para a assunção de uma tão grande responsabilidade na Igreja de Cristo?

– Eu diria que um presbítero não se prepara; deixa-se ser preparado por Deus. Trata-se de um chamamento que Deus nos faz através da Igreja; e nesse sentido temos que nos deixar tocar, transformar e preparar por Ele. Deus aquietou o meu coração, perante, naturalmente, a responsabilidade deste chamamento; Deus tem-me predisposto interiormente para tentar perceber o porquê desta chamada, na comunhão com aqueles que me chamaram, o Sínodo da Igreja, o povo de Deus, para procurar perceber quais são as suas expectativas relativamente ao meu episcopado. E tudo isto se faz através da vida espiritual, da oração, do silêncio, eu diria da contemplação até da beleza de Deus, na abertura àquilo que Ele quer fazer no nosso coração e agora de modo particular na minha vida e no meu ministério enquanto bispo.

O lema que eu escolhi para o meu episcopado é «Sejam santos, porque eu sou santo» (1ª Pedro, 1:15). Ou seja, trata-se de sustentar o meu episcopado na santidade de Jesus Cristo, o Santo de Deus, e promover através das minhas ações, a

santidade a que todos nós, enquanto batizados, filhos e filhas de Deus, somos chamados.

– Que desafio se coloca hoje, à Igreja Lusitana?

Penso que o desafio que se coloca à Igreja Lusitana é o desafio que se coloca a todas as igrejas hoje, que é precisamente o de numa sociedade tão secularizada, tão descristianizada, mantermos vivo e alegre o testemunho de Jesus Cristo. Trata-se de testemunhar Cristo, trata-se de levar a pessoa viva de Jesus Cristo àqueles que não o conhecem, e que são muitos. E portanto, usando o texto bíblico, lembramo-nos das palavras de Jesus Cristo ressuscitado, quando enviou os seus apóstolos: Ide e evangelizai todas as nações, batizai em meu nome.

– Tem já um programa de ação a desenvolver?

Não tenho um programa definido. O programa será definido com a Igreja e para a Igreja, em função daquilo que o Espírito Santo nos for suscitando e revelando. Há, naturalmente, muitos aspectos de natureza interna, de organização, que terão de ser revistos e aos quais eu irei emprestar o meu carisma, a minha maneira de ser, o meu estilo de liderança, mas trata-se agora fundamentalmente de fazermos caminho, fiéis àquilo que nos foi legado e abertos aos desafios a que Cristo nos chama na sociedade portuguesa

Do programa emitido a 02.05.2013, disponível em www.igreja-lusitana.org



D. FERNANDO, UM BISPO MODERNO E CORAJOSO

D. Fernando, um Bispo moderno e corajoso.

Após mais de três décadas de episcopado, D. Fernando da Luz Soares, 69 anos, passou o testemunho como bispo diocesano. Não é tempo ainda para balanços ou análise de fundo de um tão longo e rico episcopado, já pelo pouco tempo passado após a transferência de funções, já porque temos ainda a felicidade de contar com a colaboração regular do, agora, bispo emérito, na escala regular de serviço litúrgico e noutras ações a que por certo D. Fernando não deixará de ser chamado.

Não obstante, tendo tido o privilégio de colaborar muito diretamente com o senhor D. Fernando nos primeiros anos do seu episcopado e depois, de forma mais intermitente, em vários órgãos e funções da Igreja, gostaria de deixar um breve apontamento pessoal no momento em que se dá esta viragem histórica na Igreja Lusitana.

Entrevistado para o programa “A Fé dos Homens” em 02-05-2013 (vídeo disponível no site da IL), D. Fernando assinalou, com a lucidez que o caracteriza, alguns dos eixos principais que em seu entender poderão marcar o seu exercício como diocesano. Destacou em primeiro lugar a reorganização das estruturas diocesanas. A IL constituía nos começos da década de 1980, como disse D. Fernando, um “grupo de paróquias” e não se presentia, sobretudo ao nível dos leigos, um verdadeiro espírito diocesano.

Na verdade, nesse tempo não havia, já nem digo um centro diocesano mas sequer uma estrutura administrativa mínima que centralizasse correspondência, documentação, tesouraria ou as publicações da Igreja. Durante um ano, talvez, a secretaria diocesana resumia-se a meia dúzia de dossiês que D. Fernando guardava na sua residência e a um “secretário” (o que estas linhas redige) a quem o bispo minutava cartas e memorandos ao fim da tarde, para depois serem dactilografados numa máquina de escrever emprestada e levados para assinar no dia seguinte.

Só depois se recuperou a velha “secretaria” da Rua 1º de Maio, em Vila Nova de Gaia, desativada talvez há uma década. Nesse espaço, de início ainda partilhado com uma residente a quem a casa havia sido cedida pela Igreja, se instalou a primeira máquina de escrever da Diocese, depois uma fotocopiadora, mobiliário, etc., ao mesmo tempo que outros colaboradores eram recrutados para assegurar o expediente da Igreja.

Fiquemo-nos por aqui nestas recordações, curiosas sobretudo para os mais jovens. Mas na verdade, a par da absoluta carência de estruturas, as paróquias que constituíam a Igreja (como também alguns clérigos) movimentavam-se em dinâmicas essencialmente locais e D. Fernando, com a comissão permanente e outros órgãos da Igreja teve na verdade de desenvolver um esforço muito grande para que se implementasse na vida da Igreja um efetivo espírito diocesano.



Fundamentais para esse efeito foram os sínodos diocesanos, desde então vividos como uma grande reunião lusitana e celebração da fé em comum, bem como muitos outros encontros e reuniões, iniciativas de formação como o CLET (Centro Lusitano de Estudos Teológicos) e naturalmente, como D. Fernando também recordou, a criação dos primeiros departamentos diocesanos, o da juventude e o das mulheres, este último sobretudo fortemente estimulado pelo bispo.

Com D. Fernando, a Igreja Lusitana viveu na verdade um importante período de reestruturação orgânica, no que respeita não só à componente administrativa, como também no âmbito da gestão de recursos humanos, formação e comunicação, da gestão financeira e do património da Igreja, dotando a IL de capacidade de resposta às exigências da sociedade emergente no regime democrático e, podemos dizer; às exigências do século XXI.

Naturalmente, num quadro tão diversificado e de desafios tão díspares, um observador atento encontrará lacunas, insucessos e áreas onde as metas sonhadas encontraram execução modesta. Ninguém o saberá melhor que D. Fernando, que de tudo isso fez diária preocupação e motivo de oração. Muitas vezes o ouvi desabafar, impaciente, a falta de ritmo com que a Igreja, no seu todo, acompanhava os seus anseios e visão; ou mesmo a humana desilusão em relação a alguns de quem esperaria maior empenho ou convicção; mas o bispo Fernando é um homem de grande rigor e exigência pessoal e sabe bem, por método e experiência, que frequentemente, para se obterem resultados satisfatórios, os patamares têm que ser colocados bem no cimo, à altura da fé.

Outra das dimensões essenciais do episcopado de D. Fernando, como o próprio lembrou, prende-se com a admissão da Igreja Lusitana no seio da Comunhão Anglicana (1980) e todo o relacionamento internacional e ecuménico daí decorrente.

Na verdade, essa abertura ao mundo da IL iniciara-se já nas décadas de 1970 e 1980 durante o episcopado de D. Luís Pereira, com numerosas viagens aos Estados Unidos, Inglaterra e outros países para representar a Igreja em eventos ecuménicos e sobretudo marcar presença no mundo anglicano. Mas com o bispo Fernando Soares, e naturalmente fruto do novo quadro inaugurado com a nossa entrada na Comunhão, toda essa “diplomacia religiosa” não só se acentuou como institucionalizou, tornando a Igreja Lusitana conhecida em todos os continentes e garantindo à Igreja, como já escrevi, um reconhecimento internacional largamente superior à sua dimensão na família anglicana mundial.

São marcos desta importância vivência a participação de D. Fernando nas Conferências de Lambeth de 1988, 1998 e 2008, a visita a Portugal do Arcebispo de Cantuária, George Carey (1995) ou a reunião no Porto e Gaia dos Bispos Primazes da Comunhão Anglicana (2000). Mas ao mesmo tempo, e os planos são inseparáveis, contribuiu para esta dinâmica o prestígio internacional obtido pelo nosso bispo, o que o levou a ser cooptado para o Conselho Consultivo Anglicano, importante órgão de cúpula da Comunhão, e depois para a comissão permanente e comité de finanças do CCA, participando em diversas reuniões como as de Cape Town (1993), Cidade do Panamá (1996) ou Dundee (1999).



Este processo de reconhecimento internacional da Igreja Lusitana nas últimas três décadas, de que aqui não cabem maiores detalhes, marca uma página de grande importância na recente história da Igreja, não interessando por ora explorar mais largamente o seu alcance ou consequências.

Por último, D. Fernando não deixou de observar, na entrevista citada, que durante o seu episcopado viu “a igreja a crescer por dentro”, o que se traduziu pelo aumento da fé e de uma nova consciência e abertura dos cristãos lusitanos às circunstâncias da vida e da realidade, atitude de que poderá servir de exemplo a decisão da Igreja de admitir mulheres ao Ministério Ordenado.

Sobre este aspeto decorrente da leitura que o bispo Fernando Soares faz da vida da Igreja durante o tempo em que presidiu ao sínodo, nada acrescentarei. Por um lado, porque convoca uma dimensão qualitativa da vida cristã de muito difícil avaliação, como se compreende; por outro, porque interage com realidades sociológicas e eclesiológicas de longa duração que requereriam outros indicadores, nomeadamente, e apenas como exemplo, a dimensão quantitativa dos membros da Igreja e daqueles que a frequentam.

Porém, sendo o bispo diocesano, por definição (e especial característica da personalidade de D. Fernando, que cultivou uma relação muito próxima com as paróquias) observador privilegiado de toda a vida da Igreja, até como pároco efetivo de muitas delas, deve admitir-se nesta percepção de D. Fernando o resultado de uma larga experiência e observação vivida da renovação de gerações desde o último quartel do século XX.

Mas a estes elementos, gostaria de acrescentar um outro, que me parece marca pessoal de D. Fernando e um contributo fundamental quer para a criação do espírito diocesano na Igreja, quer para a afirmação de que a mesma se fez agente no mundo anglicano. Refiro-me à permanente atitude de profunda vivência litúrgica e sacramental que vive e instalou na Igreja, mesmo nas paróquias de maior tradição evangélica. Instrumento particular desse desígnio foi sem dúvida a nova edição do Livro de Oração Comum (1991), que veio substituir a versão em uso, que remontava já a 1928. Ao mesmo tempo que dotava a Igreja de uma liturgia moderna e adaptada às linguagens dos nossos tempos, o LOC transformou-se rapidamente num instrumento de padronização dos ritos e de veiculação da forte componente sacramental que nas últimas décadas caracteriza a igreja e o seu clero.

Portudo isto, entendo que a imagem mais expressiva que D. Fernando deixa do seu episcopado como bispo diocesano da IL é a de um bispo moderno. Moderno porque associando o natural entusiasmo da sua juventude (foi sagrado com 37 anos) a uma época ainda de incertezas, busca e expectativas, poucos anos volvidos sobre a revolução de 25 de Abril, soube adaptar a igreja à modernidade exigida pelos novos tempos. Trouxe-lhe o método e a organização que a sua formação académica e a experiência de gestão como quadro superior numa importante instituição bancária lhe haviam incutido; nessa filosofia tentou moldar novas lideranças para a igreja, certamente com resultados desiguais, e mal teve possibilidade de libertar-se das tarefas profissionais que lhe roubavam tempo para a Igreja, a esta se dedicou a tempo inteiro, com a frescura e o entusiasmo de todos os começos.

Corajoso também, pela frontalidade, quase obstinação com que se focou em determinadas metas e geriu uma boa mão cheia de delicadas questões pessoais. Sempre com razão? Provavelmente não, mas se aqui ou ali errou, exagerou ou subestimou uma avaliação ou agiu de forma mais impulsiva ou menos ponderada, não tenho dúvida de que foi a defesa e o bem da Igreja, ou aquilo que na circunstância entendesse servir esse propósito, a guiar a sua teimosia.

Por tudo isto, a IL, que em diversas circunstâncias tem já manifestado a D. Fernando e sua esposa o carinho e gratidão pelo ministério empenhado, carismático e inspirador que tem desenvolvido, de novo expressou, neste momento de transição, essa atitude, agradecendo ao Senhor da Igreja e da Vida a dedicação e o testemunho deste bispo como pastor da Diocese.

A. M. Silva

OS BISPOS DA IGREJA LUSITANA

D. Jorge Pina Cabral é o quarto bispo a ser sagrado para a Igreja Lusitana, uma igreja episcopal que teve de esperar oitenta anos para ter o seu primeiro bispo próprio.

Em 8 de Março de 1880, um grupo de clérigos e leigos reuniam em Lisboa, sob a presidência do Bispo episcopal americano Henry Riley, o sínodo constitutivo da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica. No final desse mesmo ano, um novo sínodo dirige um pedido à Igreja da Irlanda para a sagração de um bispo para a igreja portuguesa.

Já em 1878, aliás, pedido idêntico havia sido feito à Igreja de Inglaterra, explicando então os fundadores da Igreja Lusitana: “temos uma necessidade imediata e imperiosa dum Bispo - para ordenar os nossos candidatos ao ministério, para dar a confirmação aos nossos filhos, para nos auxiliar e dirigir na obra da organização, para unir-nos mais intimamente e animar tanto os nossos agentes como as nossas congregações em geral, por meio da superintendência e de conselhos cristãos.”

Só em 1894, porém, a Igreja Lusitana procedeu à primeira eleição episcopal, recaindo a escolha, feita por unanimidade e em escrutínio secreto, no Cónego Thomas Pope (1837-1902), o capelão anglicano em Lisboa e uma das figuras essenciais no nascimento e organização da IL. Todavia, Pope, por entender “que o primeiro Bispo devia ser de nacionalidade portuguesa”, recusou aceitar o cargo.

A questão continuou na agenda da Igreja nos anos seguintes, mas foi preciso esperar pelo ano de 1922 para que o Sínodo voltasse a tomar uma decisão de fundo. Considerando que a organização da igreja estava “incompleta e grandemente prejudicada pela falta de um bispo, que os membros do Conselho de Bispos não podem visitar-nos com a frequência necessária, e que o atraso na sagração de um bispo português dificulta a missão e crescimento da Igreja e não é compreendida pelos fiéis”, o sínodo procedeu a nova eleição, escolhendo o Rev. Joaquim dos Santos Figueiredo (1865-1937), então um dos presbíteros de maior prestígio da Igreja.

Todavia, o bispo-eleito Santos Figueiredo nunca chegou a ser sagrado para a função episcopal, e só a 22 de Junho de 1958 a IL obteria o seu primeiro bispo, D. António Ferreira Fiandor (1884-1970), eleito para o cargo no ano anterior. O episcopado de D. António, sagrado já com 74 anos, foi curto, sucedendo-lhe em 1962 D. Luís César Rodrigues Pereira (1908-1984). Em 1980 foi sagrado D. Fernando da Luz Soares, que presidiu aos destinos da diocese entre 1981 e 2013.





XV Fórum Ecuménico Jovem em Lamego

300 jovens ‘invadiram’ o Seminário Maior de Lamego a 9 de Novembro. O FEJ 2013, na sua XV edição, é organizado pelos departamentos juvenis das Igrejas Católica Romana, Lusitana, Metodista e Presbiteriana.

‘Permaneça em Cristo’ foi o lema escolhido em tempo de pós-vindimas, por terras de Alto Douro Vinhateiro. Tudo começou com o acolhimento assegurado pelo Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil de Lamego, coordenado pelo P. Bráulio. O P. João Carlos, pró-Vigário Geral da Diocese, deu as boas vindas aos participantes neste evento e abriu as portas do Seminário Maior a jovens vindos de várias dioceses, de norte a sul do país.

Depois, coube às Igrejas apresentarem-se, de forma criativa, aos jovens. E assim se chegou a um almoço partilhado, onde Lamego ofereceu o que constituiu imagem de marca desta terra: o presunto, a bôla, as maçãs...para além de um caldo verde em dia frio e chuvoso.

D. António Couto, biblista e bispo de Lamego, abriu a tarde para explicar aos jovens a parábola da videira verdadeira que é Cristo. Apresentou como solução única a enxertia para que dê frutos doces e abundantes. Há que saber também que a limpeza/poda se faz pela Palavra de Deus e é preciso fazer um novo percurso de vida para dar frutos.

A celebração final, de envio, teve como momento forte o compromisso dos participantes na construção de vidas e comunidades bem enxertadas em Cristo e, por isso, geradoras de felicidade e comunhão, produzindo frutos abundantes.

A animação das assembleias plenárias e da celebração foi confiada ao grupo musical Almacave Jovem, de Lamego.

O Grupo representativo da Igreja Lusitana realizou uma apresentação com recurso a power-point e palco, da identidade e missão da Igreja Lusitana, como uma Igreja centenária, sacramental, de partilha e missão.

Informação retirada e adaptada do site:
www.ecumenismojovem.org



Bispo Jorge com o Sr. Arcebispo da Cantuária - Justin Welby e sua esposa Caroline, presentes na Assembleia.

Conselho Mundial de Igrejas apela a peregrinação pela Justiça e pela Paz

A X Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, que teve lugar em Busan, República da Coreia, de 30 de Outubro a 8 de Novembro de 2013, reuniu cerca de 700 delegados das igrejas membros e mais de quatro mil participantes internacionais e coreanos sob o tema «Deus da vida, conduz-nos à justiça e à paz».

O dia-a-dia foi marcado pela oração e estudo bíblico que ofereceram espaços de intercâmbio e crescimento espiritual. Os participantes experimentaram a diversidade denominacional e a rica espiritualidade das igrejas coreanas desde o plenário de abertura ao programa do fim-de-semana ou o culto dominical com as congregações locais em Seul e Busan.

Como delegados presentes de Portugal estiveram o Bispo Jorge Pina Cabral (Igreja Lusitana) e a Pastora Sandra Reis (Igreja Presbiteriana). A Assembleia teve importantes apresentações de plenário sobre a unidade, a missão, a justiça e a paz, centrando-se no papel da Igreja no mundo de hoje. No âmbito da Assembleia foi tornado público uma declaração sobre a unidade com o objetivo de inspirar a visão ecuménica e orientar o trabalho programático do CMI e ainda 20 relatórios de conversações ecuménicas realizadas sobre temas tão variados como a igreja, a evangelização, os direitos humanos, a justiça económica e a Sida.

O Bispo Jorge considerou a sua participação nesta Assembleia como um tempo muito rico a vários níveis salientando o exemplo do testemunho dado pelas Igrejas Coreanas na proclamação da Boa Nova de Jesus e na construção da paz numa sociedade dividida e fortemente militarizada.

Para o caminhar futuro do movimento ecuménico a nível mundial a Assembleia chama as Igrejas e os cristãos em todo o mundo a unirem-se numa peregrinação que faça das Igrejas lugares de cura e de compaixão para que a Justiça cresça e a Paz de Deus reine no mundo.



Reconhecimento Mútuo do Batismo

A encerrar a Semana de Oração pela Unidade Católicos, Anglicanos, Metodistas, Presbiterianos e Ortodoxos assinam Declaração de Reconhecimento Mútuo do Batismo

A Catedral lusitana de São Paulo, em Lisboa, acolheu a 25 de Janeiro a celebração de encerramento da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2014. E fê-lo como sede de um ato de profundo significado ecuménico: cinco das confissões cristãs do País reconheceram publicamente a validade do Batismo nelas administrado.

Com a catedral seiscentista de São Paulo repleta de crentes de diferentes igrejas, destacando-se a presença animada de muitos jovens, teve início na tarde do sábado 25 de Janeiro a celebração ecuménica nacional que culminou a Semana de Oração pela Unidade.

A afluência pouco habitual, a alegria que pairava no ar, a presença dos fotógrafos e das câmaras de televisão reflectiam o significado dos actos que ali iam ter lugar: o louvor a Deus pela graça do encontro e da partilha, a oração humilde para a continuidade da caminhada conjunta mas, muito em especial, pelo seu ineditismo, a assinatura conjunta de uma Declaração por parte dos responsáveis máximos das Igrejas do Conselho Português de Igrejas Cristãs (Igrejas Metodista, Lusitana e Presbiteriana), da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa do Patriarcado de Constantinopla.

Acomodados no presbitério os cerca de quarenta clérigos, cujas vestes denunciavam as diferentes tradições eclesiais e onde se viam, já sem grande surpresa, diversas senhoras, o serviço iniciou-se em

ambiente de alegria e de uma solenidade quente e informal, com cânticos inspiradores e momentos litúrgicos de tocante significado. A ordem do serviço religioso, que este ano foi preparada no Canadá, começou por evocar a sabedoria tradicional dos primitivos iroqueses, um dos povos fundadores daquela nação, que oravam às suas divindades apelando à comunhão da terra e dos quatro pontos cardeais, metáfora da unidade na diversidade que ainda hoje configura o país.

O tema da Semana da Oração deste ano inspirou-se na questão que o apóstolo Paulo colocou à igreja dos Coríntios: - Estará Cristo dividido? (1ª Cor. 1:13), tópico que o cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, glosou na homilia, recordando que não obstante a “tendência atávica” e pouco humilde dos cristãos para a divisão, pela doutrina do Novo Testamento os crentes estão unidos pela unidade da vocação e do chamamento à santidade, pela unidade do batismo no Senhor (a “unidade de pertença”) e também pela unidade que decorre do acolhimento mútuo e da relação fraterna, apelando a que, na fidelidade ao Evangelho os cristãos sejam consequentes e respondam corajosamente à pergunta-desafio de São Paulo que serviu de mote ao Oitavário da Oração.

Seguiu-se à homilia o rito da profissão de fé, precedido pelas velas que a partir do círio pascal se acenderam de mão em mão, enquanto se entoava a bela melodia de Taizé *Veni Sancte Spiritus* (Vem, Espírito Santo). Recitado em diálogo o Credo Apostólico, tradicionalmente associado ao Batismo, os hierarcas das igrejas subscritoras da Declaração aproximaram-se da mesa onde se procedeu à sua assinatura.



Sucessivamente o cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, na sua qualidade de Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Jorge Pina Cabral, Bispo Diocesano da Igreja Lusitana, o Bispo Sifredo Teixeira, presidente da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa e a Pastora Sandra Reis, Secretária Geral da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, assinaram as cinco cópias da Declaração. Ausente por razões de saúde estava o Rev. Arquimandrita Philip Jagnisz, Vigário de Portugal e Galiza da Igreja Ortodoxa do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla, que assinou o documento posteriormente.

Na Declaração de reconhecimento mútuo do sacramento do Batismo [caixa], as cinco igrejas “conscientes da concordância que entre elas já existe sobre os pontos fundamentais de doutrina e prática batismal e constatando que, na prática, já aceitam tacitamente o reconhecimento mútuo da validade do sacramento do Batismo tal como é administrado nas suas Igrejas” decidem tornar público o reconhecimento da validade do Batismo de cada uma, expressando tal posição comum num enunciado de oito pontos. Os primeiros cinco pontos expressam o consenso em matérias de natureza teológica e doutrinal; nos finais exclui-se a possibilidade do rebatismo nos casos de passagem de membros de uma Igreja para outra, declara-se aceitar como válidos os certificados de Batismo emitidos pelas nossas respetivas Igrejas e, por fim, afirma-se a esperança de que “este reconhecimento constitua um passo em frente no caminho da unidade visível do único Corpo de Cristo «para que o mundo creia» (Jo. 17,21) e contribua para uma maior comunhão entre todos os batizados”.

A liturgia prosseguiu com um momento de oração partilhada, colocando perante o Senhor, em particular, os que sofrem de doença e fome, os que lutam pela instrução e pelo ensino universal, pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, as crianças doentes, as mulheres grávidas e os que combatem a Sida, o paludismo e outras doenças. Motivos de prece foram também o desenvolvimento sustentável, a solidariedade internacional e a fraternidade entre os povos.

O sinal da paz antecedeu a saída para o mundo em compromisso de unidade, que culminou com a pergunta – “Estará Cristo dividido?” – a que responderam com convicção as muitas centenas de vozes que enchiam a catedral: - “Não! Juntos, saímos para o mundo a proclamar a sua boa nova!”.

Despedida a larga congregação com a bênção conclusiva, cantava-se ainda Nem a vida nem a morte poderão separar-nos do amor de Deus em Cristo Jesus, quando o templo se foi esvaziando; os rostos reflectindo a alegria que animava os corações. Um momento de convívio nos salões da Catedral prolongou ainda a jornada ecuménica. Como muitos reconheciam nas conversas que se travavam e declarações para a comunicação social, começando pelos hierarcas das Igrejas, a assinatura desta declaração, aparentemente curta no seu alcance e portadora de poucas novidades práticas, não deixou constituir um forte e inédito gesto simbólico, de grande visibilidade pública e certamente portadora de um alento de esperança para a renovação dos caminhos de unidade entre os cristãos... para que o mundo creia (Jo. 17,21).

Depoimentos: dos Construtores aos Subscritores

Desde pelo menos o ano de 2006 que o texto da Declaração vinha sendo preparado no âmbito do Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC). Importava por isso ouvir alguns dos que participaram mais diretamente nesse projeto, como foi o caso do Pastor José Manuel Leite, da Igreja Presbiteriana, e de D. Fernando Soares, bispo emérito da Igreja Lusitana, a quem colocámos a mesma questão:

ND - Considerando a sua experiência de décadas no movimento ecuménico, em Portugal e no estrangeiro, como qualificaria hoje, após tantos anos de preparação, a assinatura conjunta desta Declaração? Parece-lhe que é pouco, que é bastante... ou é o possível?



Pastor José Leite - Eu direi que é pouco, mas é o possível; bastante não é. Estou muito contente por ter iniciado este processo do baptismo. Há um outro com que eu sonho desde 1972, que é o da eucaristia comum... sobre isso Deus há-de trabalhar primeiro, mas havemos de chegar lá.

Quanto ao baptismo, eu direi que é pouco, mas é importante a visibilidade que damos a este assunto. Não basta dizer “eu estou unido com o meu irmão da Igreja Católica”. É importante pormos a assinatura sobre o mesmo documento. Não é muito de facto, mas faz parte da caminhada, é um momento muito sério, que deu muito trabalho e que já me fez chorar hoje.



D. Fernando Soares - Acho que estas coisas não podem ser medidas em termos quantitativos. Temos que ponderar as circunstâncias que estão por trás de todo este desenvolvimento. Realmente isto demorou uns seis ou oito anos, mas uma das razões que levou a essa demora foi o termos querido desde o princípio juntar a este documento a Igreja Ortodoxa do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla, que era fundamental para nós e também para a Igreja Católica Romana. Creio mesmo que a ICR aceitou mais facilmente participar neste documento porque a Igreja Ortodoxa esteve lá, mas é uma opinião muito pessoal.

O que está em causa tem a ver com o que, no contexto atual, pode ou não fazer-se. Creio que para algumas igrejas o ecumenismo tal como nós o entendemos e se desenvolveu até determinada altura, já não é uma prioridade. Hoje nota-se, particularmente nas igrejas ocidentais, que a maior preocupação é a da paz entre as religiões.

Consequentemente, isto leva que eu considere que este reconhecimento, mesmo vindo um pouco atrasado, constitui um elemento importante, porque vem talvez repor esta preocupação de encontro e de animação no contexto ecuménico. O futuro o dirá.

...um novo ânimo na caminhada ecuménica. Naturalmente, questionámos também os hierarcas que subscreveram a Declaração, que traduziram assim o sentimento que os animava.



D. Manuel Clemente

Cardeal-patriarca de Lisboa e Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa

ND - Representando aqui a confissão maioritária em Portugal, que sentido dá a este documento: é um acto simbólico, ou pode ser mais que um acto simbólico?

D. Manuel Clemente - É mais que simbólico. Já era uma prática corrente. Ou seja, da parte da Igreja Católica Romana nós reconhecíamos sempre o baptismo feito em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e com água das igrejas que reconheciam o nosso, pelo que já era uma prática comum. Agora tem este carácter simbólico, porque público, porque as pessoas estavam atentas, a comunicação social também, e realça o que é importante realçar e que eu lembrava na homilia, ou seja, que pela doutrina do Novo Testamento, nós estamos unidos pela vocação à santidade, à vida divina, nós estamos unidos pelo baptismo no Senhor, pela pertença comum ao Senhor Jesus, e também estamos unidos porque sabemos que Ele nos espera em cada irmão que vem ao nosso encontro. Portanto, são mais que motivos para permanecermos unidos. Com certeza que ao longo dos séculos, desenvolveram-se tradições diferenciadas, mas julgo que a unidade a que o Espírito do Senhor nos leva não requer a que vivamos em uniformidade, porque estas tradições desenvolveram aspectos particulares que são também uma riqueza comum, mas vamos no Espírito, para onde o Senhor nos levar.

ND - Considera que este sinal público, de visibilização desta comunhão, pode também ser importante numa estratégia de evangelização comum?

D. Manuel Clemente - É muito importante. O movimento ecuménico, desde há uns 50 ou 60 anos, tem assente em duas realidades. Em primeiro lugar, uma grande disponibilidade para que Deus nos conduza para onde Ele só sabe. Nenhum de nós tem pré-fixada a maneira como nós nos havemos de encontrar. Mas estamos disponíveis, e por isso esta semana de oração, mas não só, também outros encontros ecuménicos. E depois, a participação comum naquilo que é serviço de Cristo ao mundo: evangelizar, [estar com] os pobres, com a presença, com a solidariedade cristã, com a caridade, lutar nas causas comuns da justiça e da paz... e eu julgo que, se tivermos essa disponibilidade diante de Deus e essa consequência diante dos problemas do mundo, a unidade virá.



Bispo Sifredo Teixeira - Igreja Evangélica Metodista Portuguesa

ND - Qual o significado deste acto para a Igreja Metodista, e também, já que atualmente preside ao COPIC, qual a sua importância para este Conselho e para, eventualmente, “refrescar” um pouco a actividade ecuménica em Portugal?

Bispo Sifredo Teixeira - Para a Igreja Metodista é uma alegria podermos ter chegado até à assinatura deste documento, deste reconhecimento mútuo, porque temos consciência que este é um testemunho importante que nós precisamos de dar como cristãos: reafirmarmos publicamente que estamos unidos em Cristo, que nos reconhecemos uns aos outros.

Também, ao assinarmos esta declaração estamos a confirmar todo um percurso que fizemos que não foi fácil em alguns momentos. Sabemos que há sempre uma ou outra dificuldade, mas estamos gratos a Deus porque chegamos até aqui, confirmamos o percurso, temos a alegria do testemunho e agora estamos prontos para continuar a caminhar, acreditando que Deus nos vai continuar a ajudar.

Para as igrejas do COPIC, é também um novo ânimo, porque em alguns momentos houve um pouco de desânimo com aquilo que tentávamos fazer e não se conseguia. Com a ultrapassagem das dificuldades, chegados até este momento, as igrejas sentem-se mais estimuladas e acredito que em termos ecuménicos nós poderemos fazer um pouco mais que aquilo que temos feito até aqui. Acreditamos que o Espírito Santo do Senhor nos vai continuar a conduzir.



Pastora Sandra Reis

Secretária Geral da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal

ND - Qual o significado deste acto para a Igreja Presbiteriana?

P. Sandra Reis - É um passo mais visível da nossa unidade em Cristo. E num contexto onde vivemos tantas desilusões, tantas divisões, tantas rupturas, é importante que a sociedade veja que a unidade é possível e que nós, que temos séculos de separação e de divisão, não estamos a andar para trás, estamos a fazer caminho e em frente, e isso é muito importante.

ND - Acha que isto pode mesmo, de certa forma, contribuir para “refrescar” o movimento ecuménico?

P. Sandra Reis - Exactamente. Espero que seja e espero que possamos ir mais para a frente. Espero que isto nos dê um novo impulso para o futuro e para o presente, naturalmente.



D. Jorge Pina Cabral - Bispo diocesano da Igreja Lusitana

ND - Qual a importância deste documento para a Igreja Lusitana?

D. Jorge Pina Cabral - Em primeiro lugar, foi uma imensa honra para a Igreja Lusitana poder acolher na sua catedral este acto. Acho que efetivamente foi um momento muito significativo na medida em que vai ao encontro daquilo que é o sentido de uma catedral anglicana, que é o de ser ponte entre as igrejas; e nessa ordem de ideias estou imensamente feliz enquanto bispo por a Igreja Lusitana ter acolhido aqui os outros irmãos.

O facto de os acolhermos também nos traz a responsabilidade naturalmente de agora criarmos as condições para estreitarmos e darmos aprofundamento a tudo aquilo que aqui foi vivido e também foi prometido. Portanto, para a Igreja Lusitana que sempre esteve empenhada na caminhada ecuménica em Portugal e acolheu esta cerimónia na sua catedral de São Paulo – como alguém já referiu, só poderia ser na catedral de São Paulo, o apóstolo da unidade, aquele que questiona os cristãos sobre as razões da sua desunião – há um simbolismo muito rico por detrás desta celebração.

ND - Considera que a visibilidade deste acto pode animar o movimento ecuménico em Portugal?

D. Jorge Pina Cabral - Penso que sim. Para aqueles que diziam que o movimento ecuménico estava a esmorecer, para quem tinha dito, inclusivamente, que achava que este documento já tinha morrido, o Espírito soprou e do sopro do Espírito renasceu o sentido e a identidade baptismal. E portanto acho que há agora um novo ânimo na caminhada ecuménica.

Reconhecimento Mútuo do Sacramento do Batismo

A IGREJA CATÓLICA ROMANA, a IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA, a IGREJA EVANGÉLICA METODISTA PORTUGUESA, a IGREJA EVANGÉLICA PRESBITERIANA DE PORTUGAL e a IGREJA ORTODOXA DO PATRIARCADO ECUMÉNICO DE CONSTANTINOPLA, conscientes da concordância que entre elas já existe sobre os pontos fundamentais de doutrina e prática baptismal e constatando que, na prática, já aceitam tacitamente o reconhecimento mútuo da validade do sacramento do Batismo tal como é administrado nas suas Igrejas, decidem:

Reconhecer mutuamente a validade do Batismo nelas administrado e tornar público este reconhecimento

e, em conjunto, declaram:

1. Aceitar que o Batismo nelas administrado foi instituído por nosso Senhor Jesus Cristo e é, fundamentalmente, uma dádiva gratuita de Deus ao batizando, vinculando-o com a morte e ressurreição de Cristo (Rm 6,3-6), para o perdão dos pecados e para uma vida nova;
2. Ensinar que o Espírito Santo desceu sobre Jesus no seu Batismo e desce também hoje sobre a Igreja, tornando-a comunidade do Espírito Santo que, em testemunho, serviço e comunhão, proclama o seu reino;
3. Aceitar o Batismo como vínculo básico da unidade que nos é dada pela fé no mesmo Senhor;
4. Aceitar o Batismo como processo da nossa consagração para a edificação do Corpo de Cristo, tendo em vista o nosso crescimento «até que cheguemos à unidade da fé e à medida da estatura da plenitude de Cristo» (Ef 4,13);
5. Administrar o Batismo com água e em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, para a remissão dos pecados, de acordo com a intenção e o mandamento de Cristo (Mt 28,18-20);
6. Excluir a possibilidade do rebatismo nos casos de passagem de membros de uma Igreja para outra;
7. Aceitar como válidos os certificados de Batismo emitidos pelas nossas respetivas Igrejas;
8. Esperar que este reconhecimento constitua um passo em frente no caminho da unidade visível do único Corpo de Cristo «para que o mundo creia» (Jo 17,21) e contribua para uma maior comunhão entre todos os batizados.

Lisboa, Catedral Lusitana de S. Paulo, 25 de Janeiro de 2014

IGREJA CATÓLICA ROMANA

+ Manuel Clemente

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

+ Jorge Pina Cabral

IGREJA EVANGÉLICA METODISTA PORTUGUESA

+ Sofia Teixeira

IGREJA EVANGÉLICA PRESBITERIANA DE PORTUGAL

+ Sandra

IGREJA ORTODOXA DO PATRIARCADO ECUMÉNICO DE CONSTANTINOPLA

+ P. Cip



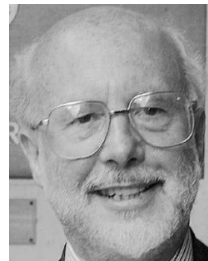
Novo primaz do Brasil

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil elege novo Primaz o Bispo Francisco Assis da Silva da diocese de Santa Maria - Sul Ocidental do Brasil foi eleito a 16 de Novembro para ser o novo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB). A sua eleição ocorreu no contexto do 32º Sínodo Geral desta Igreja realizado de 14 a 17 de Novembro no Rio de Janeiro.

O novo Primaz sucede ao Bispo Mauricio de Andrade, Diocesano de Brasília, que servia como Primaz desde 2006. D. Francisco tinha sido eleito Bispo da Diocese de Santa Maria em Outubro de 2010 e exerceu durante quatro anos a função de Secretário Geral de toda a Província Brasileira que compreende nove Dioceses e um Distrito Missionário.

No sermão proferido no culto de encerramento do Sínodo, realizado na Catedral Anglicana do Redentor, Tijuca - Rio de Janeiro, o novo Primaz afirmou que o «espírito de unidade não termina com a conclusão dos eventos Sinodais, mas continua agora no trabalho da IEAB através do serviço dos Bispos e clérigos, leigos, missões e ministérios. Neste espírito continuamos agora o nosso trabalho sustentados na oração e dando graças pelo testemunho da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Aleluia!».

D. Jorge Pina Cabral que esteve recentemente com o novo Primaz na Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, congratulou-se com esta eleição e pelo seu significado para a Igreja irmã do Brasil dando também graças a Deus pelo serviço e testemunho dedicados de D. Mauricio de Andrade, Diocesano de Brasília, Diocese Companheira da Igreja Lusitana no quadro da Comunhão Anglicana.



Igreja de Inglaterra publica relatório sobre sexualidade humana

Os Arcebispos de Cantuária e de York publicaram em final do passado mês de Novembro um relatório do grupo de trabalho da casa dos Bispos sobre Sexualidade Humana. Numa declaração em que agradecem ao grupo pelo seu relatório, os Arcebispos referem que este é um documento substancial, que propõe um processo de facilitação de conversações sobre o tema na Igreja de Inglaterra, ao longo de um período de talvez dois anos. O documento intitulado «relatório Pilling» em alusão ao nome do seu coordenador (na foto), oferece constatações e recomendações a serem tidas em conta no processo em curso e não é uma declaração de novas orientações da Igreja de Inglaterra sobre este assunto. O trabalho refere também que o modo como a Igreja de Inglaterra discute o tema das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo afeta cristãos noutros países. Referindo que os assuntos abordados são difíceis e divisivos os Arcebispos salientam o comentário de Sir Joseph's Pilling's de que «as discordâncias foram exploradas no calor de uma fé partilhada».

O relatório teve em conta a rápida mudança do contexto cultural no qual o grupo desenvolveu o seu trabalho e considerou os aspectos ligados à homofobia bem como os contributos da ciência, da Escritura e dos teólogos. O texto oferece 18 recomendações algumas das quais visam o facilitar das conversações sobre este tema na Igreja de Inglaterra, no seio da Comunhão Anglicana e noutras Igrejas para que os cristãos que discordam profundamente sobre o significado das Escrituras nas questões da sexualidade procurem entender as diversas preocupações existentes de um modo mais claro. Outras recomendações apelam à Igreja para que combata a homofobia sempre e onde esta acontecer, e a arrepender-se de no passado ter havido falta de acolhimento para com as pessoas homossexuais. As recomendações não propõem qualquer alteração no ensino da Igreja sobre a conduta sexual.

Reunido recentemente em final de Janeiro para análise do documento, o Colégio de Bispos da Igreja de Inglaterra, afirmou a sua união na procura da fidelidade às Escrituras e à tradição da Igreja e no desejo de promover uma resposta respeitosa e de compaixão aos homens e mulheres homossexuais na Igreja e na sociedade. Os Bispos reafirmaram que a prática litúrgica e pastoral da Igreja de Inglaterra sobre o tema da sexualidade humana, permanece inalterável durante o processo de conversações em curso.



A EUROPA CONTA CONTIGO

ELEIÇÕES PARA O PARLAMENTO EUROPEU EM 2014



conference of european churches

2014

Para mais informação sobre as eleições, bem como os tópicos que nos dizem respeito, consulte por favor o sítio www.ecumenicalvoices2014.org



(www.ecumenicalvoices2014.org)

Eleições Europeias 2014 O seu voto conta!

A Conferência das Igrejas Europeias (CEC) da qual a Igreja Lusitana faz parte, lançou uma campanha de mobilização para o voto nas eleições Europeias do próximo dia 25 de Maio. Numa carta enviada às Igrejas, o secretário-geral desta organização, o Reverendo Guy Liagre, encara as próximas eleições como uma oportunidade, não apenas para os partidos políticos, mas também para as Igrejas nos países membros da União, fazerem ouvir as suas preocupações, visões e esperanças para o futuro da Europa. Em colaboração com outros parceiros e organizações Europeias cristãs, a CEC apresenta um manifesto que expõe a importância do voto nestas eleições e a sua visão para uma União Europeia mais justa e solidária.

«Em Maio de 2014 terão lugar as eleições para o Parlamento Europeu. Representantes de 28 Estados membros da União Europeia serão eleitos para decidir as políticas da União Europeia para os próximos cinco anos. Dadas as alterações legislativas verificadas com o «Tratado de Lisboa», o próximo Parlamento Europeu terá mais poderes legislativos que antes. Deste modo, a oportunidade para os eleitores influenciarem a política da União Europeia nunca foi tão grande. Esta eleição é uma oportunidade para dar voz às nossas visões e aspirações para o futuro. Nós, como grupo de Igrejas e Organizações cristãs aspiramos a:

- uma União Europeia que se baseie na combinação de uma economia com altos níveis de proteção e medidas sociais;
- uma União Europeia de valores que promovam e mantenham a diversidade e o cuidado pelas pessoas mais vulneráveis;
- uma União Europeia que acolha migrantes e refugiados;
- uma União Europeia que promova e mantenha os Direitos Humanos;
- uma União Europeia que cuide da criação de Deus, e que efetivamente tenha em conta as mudanças climáticas e a implementação de políticas ambientais;
- uma União Europeia que trabalhe na erradicação da pobreza num mundo globalizado.

Use pois o seu voto para eleger um parlamento que partilhe as nossas visões. Use-o para criar uma Europa que promova a paz e a justiça para todos.

«Orem pelos que governam e exercem autoridade, para podermos viver em paz e sossego, louvando a Deus com dignidade e todo o respeito» (1 Timóteo 2,2)